

Entre nuvens

Through the clouds

Maria do Carmo Andrade Palhares*

Resumo: Neste texto evidencia-se a compreensão da poética/psicanalítica de Winnicott que diz: “Importante que eu seja, inicialmente, junto com outro ser humano”. Freud conjuga essa experiência como um laço imperecível. A partir daí toda uma experiência simbólica humana se expande.

Palavras-chave: Junto. Experiência. Laços. Imperecível.

Abstract: *This text shows Winnicott’s poetic/psychoanalytic comprehension, as he says: “It is important that I am, initially, together with another human being”. Freud brings together this experience as an imperishable bond. From them on, all symbolic human experiences will expand.*

Keywords: *Together. Experience. Bond Imperishable.*

* Psicanalista, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

Era depois do almoço. Depois da louça lavada, o fogão em silêncio, a loja fechada; a casa adormecia, a luz da sala se desfazia. Minha avó se sentava em sua cadeira de balanço e eu corria para o seu colo já desfrutando do seu aconchego. Levava comigo Jujuca, meu boneco farto e vivo. Com o mesmo gesto experimentado naquele momento, aconchegava-o no meu colo, acreditando que ele como eu desfrutava daquela infinita intimidade humana. O movimento suave da cadeira encaixava nossos corpos. Laços e entrelaçamentos selavam a fé na vida. Baixinho minha avó cantava:

– “Como pode o peixe vivo viver fora d’água fria, como pode o peixe vivo viver fora d’água fria... como poderei viver, como poderei viver sem a tua companhia, sem a tua, sem a tua companhia...”

Ritmando sua voz com a suavidade da tarde e no compasso do balanço de sua cadeira, ela parecia adivinhar os movimentos dos meus pensamentos; “como poderei viver sem a tua companhia?”. Eu queria eternizar aqueles instantes daquela sala de jantar à meia-luz, dos momentos sem ruídos, daquele colo amoroso alargando mil sentimentos dentro de mim. Em silêncio dormíamos; será que sonhávamos os mesmos sonhos? Eu acreditava que sim!

Gostávamos de acordar uma para a outra, planejar o entardecer. Às vezes surgia aquele bolo de fubá amarelinho, feito a quatro mãos. Vê-lo crescer no forno, cheirá-lo de longe, cortar o primeiro pedaço, desmanchá-lo na boca depois da xícara de leite e café bem quentinho, fazia-me amar profundamente aquela casa. Ao meu lado, Jujuca era alimentado pelas minhas fantasias maternas. Movimentava-se em mim a serenidade dos que sabem nutrir a vida com gestos simples, delicados, poucas palavras que percorrem uma rota de intimidade, recanto e recato de laços indizíveis. Recolhidos, mas potentes.

Foi um tempo de poesia. Percorrendo essas lembranças, reconheço a senha do encontro humano, aquela que nos faz acessar a crença de que a vida contém esses rasgos de sincera relação afetiva. Se aperto esse lado, crescem do outro lado as saudades, trazendo em sonhos a presença física, sólida de uma pessoa inteira, contornável, matéria viva de um espírito que quer voltar ao seu lugar de afeto. Deixo-o instalar-se ao meu lado, junto ao meu corpo e espírito humanos. Um movimento secreto de multiplicação celular e inconsciente diz e revela, simultaneamente, meu ser e a presença do outro num espaço de comunhão. Uma única palavra se manifesta em festa: Laços.

Tudo isso prospera nas palavras de Freud. Diz ele: “O passado infantil permanece sempre em nós. Os estados primitivos podem ser sempre restaurados. O psíquico primitivo é, no seu pleno sentido, impercível” (1974/1915, p. 442).

Que vigor: Imperecível! Isso nos constitui para o bem e para o mal, para a paz e para a guerra, elementos que não se exaurem promovendo retornos: o retorno do recalçado, retorno do clivado, retorno do informe. São esses retornos que promovem o jogo entre passado e presente revelando a herança de nossos afetos. A constatação do imperecível e imprescindível constituem farto capital humano para o trabalho clínico e teórico da psicanálise.

Ao olhar e sentir nas entranhas as experiências com minha avó Maria, materializa-se em cada canto da minha alma criação e apropriação do campo subjetivo totalmente referido à expansão dos sentidos que sustentam o viver hoje e no futuro.

Nesse universo, sonho entre nuvens. Sim! Nuvens! Pois, por ser uma constelação imperecível pode ser transformada. Formas que mudam em constante conspiração. A isso a vida nos convida e convoca a fazer através do tempo: transformar para criar novos sonhos, novas experiências, novos conteúdos, ampliando símbolos para renovar o campo vivo da relação humana.

O que fazer? Reconstruir traços de encanto, memórias com ou sem pranto, elos antigos de virtudes e vícios, de sons e abrigos, sonhos perdidos e escondidos, restaurar instantes, dentro e fora de casa. Deixar ser o que quer ser como forma de trazer à luz uma realidade fundante da singularidade visível e invisível de cada um, expressa na arte, na literatura, na clínica psicanalítica. O núcleo do humano, um ato ínfimo de afetos se processa no encontro analítico construindo histórias – de sofrimentos, perdas, de lirismo e, muitas vezes, revelações do sublime. Clarice Lispector nos pega pela mão, ao dizer: “a linguagem é tudo que eu tenho, mas como tenho muito mais à medida que não consigo usá-la”. Aqui surgem os gestos...

Retornando à minha avó, hoje posso respondê-la: “como poderei viver sem a tua companhia?... E basta um descuido, que cuidado do que volta através de sensações, imagens e palavras”. Assim, a distância entre ontem e hoje deixa de existir, a ambientação aflora, a companhia se faz carne quando voltamos a materializar os laços ao sonhar e a escrever.

Tempo, tempo, tempo és soberano! Para frente e para trás, incluindo o aqui, agora... “comovo-me em excesso por natureza, e por ofício...”, diz Graciliano Ramos legitimando o desafio do excesso. Da loucura. Do amor. Ficcional e/ou real.

Essa é a aposta da psicanálise de corpo e vida presente!

Maria do Carmo Andrade Palhares
mcarmoandrade@gbl.com.br

Referências

FREUD, S. (1974). *Os instintos e suas vicissitudes*. Rio de Janeiro: Imago, 1915. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 14).

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2002.